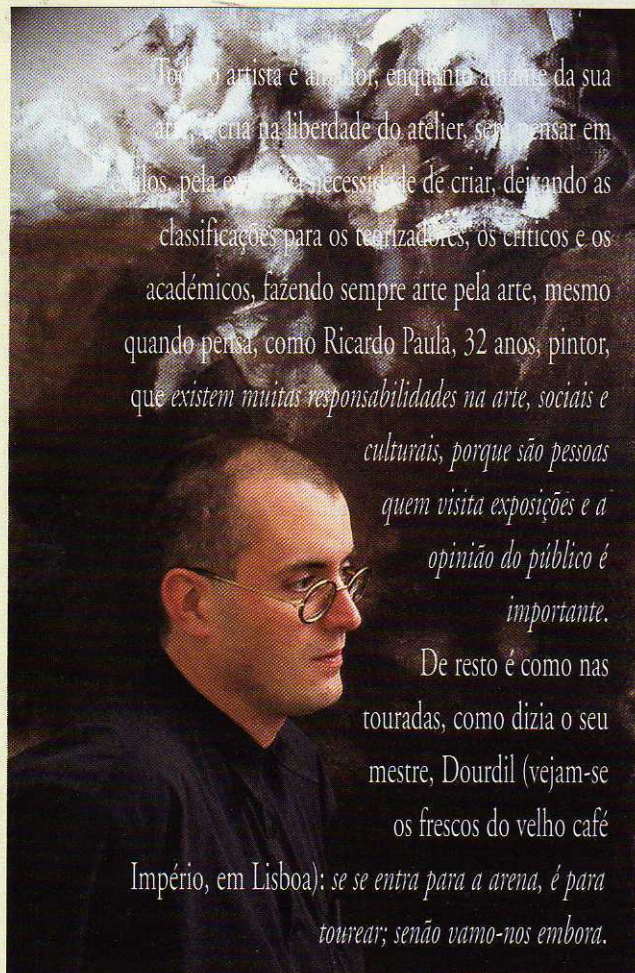


# RICARDO PAULA

## ANJOS, COISAS E POSTIGOS



Tudo o artista é autor, enquanto amante da sua arte, vive na liberdade do atelier, sem pensar em olhos, pela eterna necessidade de criar, deixando as classificações para os teorizadores, os críticos e os académicos, fazendo sempre arte pela arte, mesmo quando pensa, como Ricardo Paula, 32 anos, pintor, que existem muitas responsabilidades na arte, sociais e culturais, porque são pessoas quem visita exposições e a opinião do público é importante.

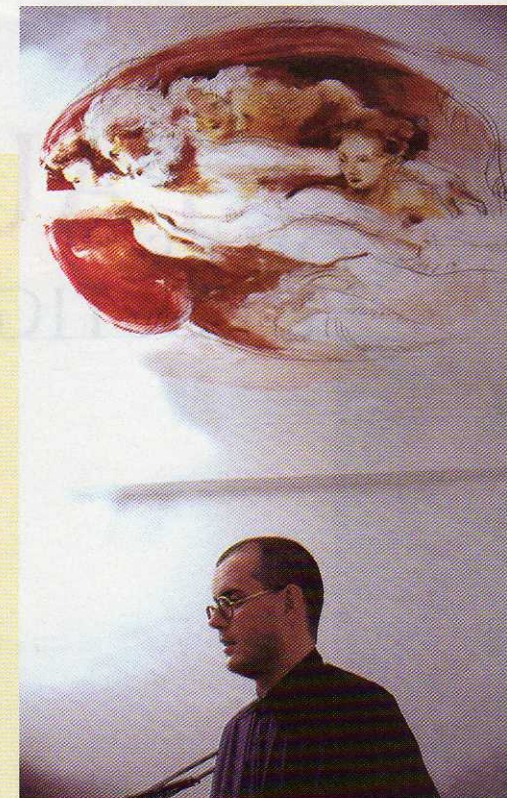
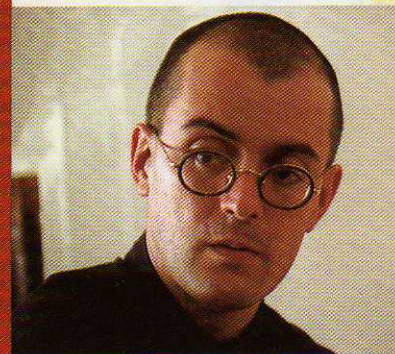
De resto é como nas touradas, como dizia o seu mestre, Dourdil (vejam-se os frescos do velho café Império, em Lisboa): *se se entra para a arena, é para tourear; senão vamo-nos embora.*

Nasceu por acaso em Angola, porque o pai cumpria ali um serviço militar, mas a sua formação é portuguesa. Frequentou o curso de design do IADE e construiu a sua independência na pintura à custa de muita tela e aguarela. Está sempre a dizer que não tem idade nem estatuto para pintar pouco e por isso pinta imenso. Até hoje participou em três dezenas de mostras colectivas em Portugal e no Estrangeiro, realizou uma dezena de exposições individuais, ganhou três importantes prémios de pintura e trabalhou - trabalha ainda - em publicidade. Isto por-

que, como diz, ser pintor é parte da sua personalidade, do seu carácter. Não é de modo nenhum uma profissão ou uma maneira de ganhar a vida. A pior coisa que me podia acontecer - afirma espantosamente - era ser economicamente dependente da pintura.

Mas gosta de vender os seus quadros, é claro. *É determinante para me ajudar a separar os trabalhos finalizados dos outros*, declara. Mesmo assim, para continuar a trabalhar tem de virar de costas as telas que povoam o seu atelier no Cacém. Porque se as olha, surgem-lhe inacabadas e vai acrescentar um traço aqui, uma cor ali...

É por isso que, normalmente os seus rostos são indefinidos, em aberto,



tendo permitido a António Alçada Baptista uma profecia que o ensaísta acabaria por desdizer, tempos depois, face à progressão estética de Ricardo Paula: que um dia se arriscaria na área do retrato. O pintor é filosoficamente adverso à conclusão dos rostos. Na sua obra, cada um vê nos quadros do artista algo que os outros não vêem. E para o pintor isso é o mais importante: que cada um acabe a sua obra mentalmente, integrando-o no seu quotidiano, na sua realidade.

É talvez esta a faceta mágica da arte

de Ricardo Paula, que atrai quem olha os seus rostos ao postigo da aldeia inventada, para os seus corpos de mulher e anjo, de braços esguios e rosto velado, para os seus objectos, um pacote de café, uma gravata, luvas mais plásticas que mãos, neo-naturezas mortas, mais vivas e quentes que os vivos: os seus quadros são nossos, quando os olhamos (quando olham para nós?). Aqui estou eu a cortar o cabelo, na submissão infantil às ordens do barbeiro (e contudo a tela representa a entrada num convento de uma jovem noviça); ali está o meu amor, à janela do quarto onde nunca dormimos (e no entanto nunca vi os seus ombros tão azuis); mais além, as calças que deixei de encontro à cómoda, ontem à noite, na pressa de me despir (e apesar disso, nunca tive umas calças assim); ali ao fundo, espreita a minha mãe ao postigo (logo ela, que sempre habitou um quarto andar)...

Basta de conversa. Quando pudermos, vejam a pintura de Ricardo Paula, porque, como toda a verdadeira arte, permite descrição, mas toda a descrição deixa de fora o essencial, aquilo que, como disse um amigo do pintor, *comunica qualquer coisa de um modo absolutamente único, impossível de ser traduzido por qualquer outra forma.*

Por estas palavras, para começar.